

A importância dos 159 anos das Missões para a Humanidade

Missões, a principal experiência espanhola em território brasileiro é uma das mais emocionantes histórias da humanidade ocorridas nas fronteiras do atual MERCOSUL. Área hoje formada pelas divisas do Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Entre os anos 1609 e 1768 Padres Jesuítas e índios Guaranis construíram um novo modelo de relação humana para a humanidade (Lugon, 1977). Inicialmente fundaram sua ‘Província Modelo’ com cerca de 30 Reduções nas Regiões do Tape (RS), Itatim (MS) e Guairá (PR), as quais foram atacadas pelos bandeirantes na tentativa de levar os índios como escravos, sendo que milhares deles acabaram nas lavouras de São Paulo (Oliveira, 2009).

Durante o Reinado de Felipe III, os jesuítas abandonaram a ideia de missões volantes, criando, assim, a Província Jesuítica do Paraguai (Paracuária). Nomeou seu primeiro provincial o Padre espanhol Diego Torres que deu início aos 30 Povos com a Fundação de São Inácio Guaçu, em 1609, pelo Padre Marcial de Lorenzana.

Sobre a implantação das Reduções Jesuíticas Guaranis, Palacios observa, (1991, p.130):

“Conseguida a comunidade agrícola, favorecida pela boa seleção de terras com alta fertilidade e adiantando-se a seu entorno colonial e a sua época, os jesuítas criaram uma sociedade que foi durante século e meio um modelo de desenvolvimento social, econômico, cultural e cristão. E nunca estará demais repetir que essas transformações lograram com grupos indígenas em um estado de desenvolvimento neolítico”.

A esse respeito, Melià (1997, p. 242), escreve:

“A “redução” era outro tipo de estrutura colonial prevista para os índios. As reduções eram povos de índios nos quais congregavam de fato vários cacicados. O novo espaço colonial urbanizado a modo dos povos de espanhóis, porém sem espanhóis morando neles, devia facilitar a instrução religiosa, a vida “política e humana” e a agricultura. Os missionários eram de fato os representantes da administração colonial, sendo os principais responsáveis da programação da vida cristã e política. As reduções dos missionários franciscanos se desenvolveram na prática dentro do colonialismo crioulo com o que sempre tiveram estreito relacionamento, porém as reduções dos jesuítas lograram desenvolver uma certa autonomia, evitando a submissão aos “encomendeiros” e até a entrada de espanhóis no território dos povos guaranis”.

Com a implantação das reduções na região do Guairá, hoje Estado do Paraná, afirmaram-se os trabalhos reducionistas dos jesuítas no Paraguai. Instalaram (Melià, p. 79), Nossa Senhora de Loreto (1610), na margem esquerda do Parapanema, São José (1625), São Francisco Xavier (1622), Encarnación (1625) e São Miguel (1627) na margem esquerda do rio Tibagi, São Inácio (1610), no Parapanema; São Paulo (1627), Santo Antonio (1627), Jesus Maria (1629), Santo Tomás (1628) e Sete Arcanjos (1627), no curso superior do rio Ivaí. Concepción (1627) e São Pedro (1627) no curso superior do rio Piquiri. Santa Maria Maior (1626), na confluência do Iguazu com o rio Paraná, e Natividad do Acaray (1622), do outro lado do rio Paraná, no atual Paraguai. Montoya (1985, p.124) diz: “Todas as povoações que naquelas províncias fundamos, atingiram a treze... Chegou, no entanto, o “juízo final” daquelas reduções e das esperanças havidas de se fundarem outras, e foi por intermédio dos vizinhos de São Paulo”.

Conforme Bruxel, (1987, p. 15), no mesmo ano da expulsão do Guairá, em 1631, iniciaram-se as fundações da região do Itatim, ao norte de Assunção, no atual território do Mato

Grosso do Sul: Anjos (1631), São José (1631), São Benito (1632), Natividade (1632), Santos Apóstolos Pedro e Paulo (1633) e Encarnação (1633).

Na região do Paraná e lado direito do rio Uruguai, foram fundadas São Inácio Guaçu (1609), Itapua (1615), Conceição (1619), Japeyu (1627), São Xavier Tobati (1629) e Assunción do Acaraguá (1630).

O mesmo autor diz que onde hoje é o Estado do Rio Grande do Sul estava a Região do Tape e sobre ela os jesuítas fundaram na primeira fase de ocupação desse território, 18 reduções. A primeira foi São Nicolau, no dia 3 de maio de 1626, pelo Padre Roque Gonzales de Santa Cruz, em local bem próximo à atual Cidade de São Nicolau. Essa fundação marcou o início da colonização do Estado. Em sequência fundaram-se: São Francisco Xavier, em 1626, ao lado do rio Uruguai, abaixo da foz do rio Piratini, fundada por Roque Gonzáles. Nossa Senhora Candelária do Ibicuí, em 1627, próxima a Cidade de Alegrete. Assunção do Ijuí, em 1628, fundada por Roque Gonzales, ao lado do rio Ijuí, hoje no município de Roque Gonzales. Nossa Senhora Candelária do Piratini ou Caçapaa-mini, em 1628, entre os rios Piratini e o Ijuí, fundada pelo Padre Roque Gonzales. Nossa Senhora dos Santos Mártires do Caaró, em 1628, pelo Padre Roque Gonzales e Afonso Rodrigues, local onde foram martirizados, nesse mesmo ano. Apóstolos, em 1631, próximo ao rio Ijuizinho, São Carlos, em 1631, nas nascentes do rio Ijuí, próximo a cidade de Panambi. São Tomé, em 1632, fundada pelo Padre Pedro Romero, Manuel Bertot e Luís Ernot, próximo à cidade de Jaguari. São José, em 1632, assumida pelo Padre José Cataldino, próximo à Cidade de São Vicente do Sul. Natividade, em 1632, próximo a Cidade de Júlio de Castilhos. São Cosme e Damião, em 1632, dirigida pelo Padre Adriano Formoso, próximo a Cidade de Santa Maria. Jesus Maria, em 1632, entre a cidade de Candelária e Botocaraí. Sant'Ana, em 1632, próximo à cidade de Candelária. São Miguel Arcanjo, em 1632, fundada por Cristóvão de Mendoza e Pedro Romero, próximo a São Martinho. São Cristóvão, em 1634, próximo à Vera Cruz. São Joaquim, em 1634, próximo à cidade de Arroio do Tigre. Santa Tereza, em 1634, próximo à cidade de Passo Fundo.

Oliveira (2009), dessa primeira fase destaca alguns assuntos: O primeiro é a morte dos três missionários mortos em 1628, no Caaró e Assunção do Ijuí, e a morte do Padre Cristóvão de Mendonza.

O Padre Roque Gonzales de Santa Cruz nasceu na cidade de Assunção no ano de 1576. Seu pai, Bartolomeu Gonzales de Valverde, e sua mãe, Maria de Santa Cruz. Roque naturalmente aprendeu a falar o Guarani, língua que naquela época, como hoje, é à base da cultura do Paraguai. Desde cedo, via com indignação as graves injustiças cometidas contra os guaranis pelos colonizadores, especialmente pelos encomendeiros (escravizadores espanhóis). Foi ordenado padre em 1599, com 22 anos de idade, assumindo o trabalho no meio dos índios da região de Maracaju. Logo foi nomeado cura da catedral de Assunção, já em 1609, foi nomeado Vigário-Geral da Diocese. Iniciou o noviciado na Companhia de Jesus no dia nove de maio de 1609, onde ingressou, definitivamente em 1619.

O Papa Paulo II, antes de canonizar o agora Santo Roque Gonzales, em seu discurso do dia 23 de fevereiro de 1982 aos Superiores Maiores da Companhia de Jesus disse que evocava o trabalho de Roque e seus companheiros como um modo exemplar de evangelizar. Sua missão era a de comunicar a fé, elevar o nível humano e cultural dos povos, promover uma vida social mais justa naquela Província Jesuítica do Paraguai.

O Padre Afonso Rodrigues nasceu aos 10 de março de 1598, em Zamora, Espanha. Em 25 de março de 1614, entrou na Companhia de Jesus, em Salamanca. Em 2 de novembro de 1616, juntamente com outros trinta e sete companheiros, entre eles João de Castilho, foi enviado à América, chegando a Buenos Aires no dia 15 de fevereiro de 1617. Foi ordenado sacerdote em fins de 1623. Seu primeiro ministério ocorreu entre os ferozes guaicurus às margens do Pilcomaio. Após, foi destinado à redução de Itapua, onde trabalhou até que pediu que fosse enviado a uma missão mais desafiadora. Juntamente com Roque Gonzales, Afonso Rodrigues lança as bases do Caaró em 1628.

O Padre João de Castilho nasceu em Belmonte na Espanha em 14 de setembro de 1595. Iniciou seu noviciado na Companhia de Jesus em 1614, com 18 anos de idade. Em 1617, chegava à América. Concluídos os estudos de Filosofia, foi enviado para o Colégio da Conceição, no Chile. Em 1625, foi ordenado sacerdote. Iniciou seu ministério na redução de São Nicolau, onde se aprofundou na Língua Guarani. No dia 15 de agosto de 1628 ajudou Roque Gonzales a fundar a redução de Assunção do Ijuí. Após dois meses e meio, Roque Gonzales o deixou para fundar Caaró. Roque, Afonso e João são os três Santos Mártires das Missões.

O mesmo autor (2009), afirma que naquela primeira fase, o gado introduzido do lado esquerdo do rio Uruguai em 1634 pelo fundador da Redução de São Miguel Arcanjo, Padre Jesuíta Cristóvão de Mendoza foi responsável pelo desenvolvimento das Missões e reflexo fundamental para o futuro Estado do Rio Grande do Sul, pecuária esta que marcou os períodos do Tropeirismo, Estâncias, Charqueadas e principalmente o modo de ser do Povo Gaúcho, pois foi base da cultura pecuária e a genética animal que se manteve hegemônica até o início dos anos 1900.

Aquelas 18 Reduções no território depois gaúcho, após vários ataques pelos Bandeirantes, migraram para a região entre o Rio Uruguai e o Rio Paraná. Em 1639 o Padre Montoya foi a Madri, conseguindo a autorização para o uso de armas de fogo o que levou a única grande vitória guarani frente às tropas paulistas na Batalha de M'bororé em 1641. Deste momento em diante, passou-se mais de 100 anos de tranqüilidade, onde o projeto pôde crescer. Para onde hoje é o Rio Grande do Sul retornaram a partir de 1682.

Este novo modelo, os das Reduções, conforme Lugon (1977), fazia com que as ferramentas e os meios de produção, em vez de pertencerem a particulares, eram propriedade coletiva; as classes e o Estado foram abolidos. Os trabalhadores da indústria e da agricultura formaram uma associação livre de trabalhadores que se administrou economicamente. A economia local organizada, segundo um plano, baseou-se numa técnica aperfeiçoada, tanto na indústria como na agricultura. Não houve oposição entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura. Os produtores foram repartidos segundo a regra "De cada um, segundo suas capacidades, para cada um, segundo as suas necessidades". A ciência e as artes foram colocadas em condições suficientemente favoráveis para chegarem a seu pleno florescimento. A personalidade dos guaranis isenta de preocupações da existência cotidiana e da necessidade de comprazer aos poderosos deste mundo, acabaram realmente livres.

Oliveira (2009) afirma: A Província Jesuítica do Paraguai foi constituída pelos jesuítas a partir das utopias de Morus, Bacon e Campanella. O Padre Lugon, em seu livro, disse que foi a mais original das sociedades realizadas. Paul Lafargue, em conjunto com Bernstein, Kautski, Plechanov explica que o projeto constituiu uma das experiências mais extraordinárias, que jamais tiveram outro lugar. Também Charlevoix e Muratori

reconheceram-na como um modelo sem precedentes de sociedade cristã. A revista *Lês Lettres Edificantes et Curieuses*, dirigida pelos jesuítas, comparava os guaranis aos primeiros cristãos e descrevia suas comunidades como a realização ideal do cristianismo. Voltaire afirmou que o projeto Jesuítico-Guarani foi um “triunfo da humanidade”. Montesquieu chamou de “primeiro estado industrial da América”. O Abade Carbonel chamou de “coletivismo espontâneo”. Pablo Hernandez na *Organización Social de lãs Doctrinas Guaranies*, escreve que o maravilhoso surge a cada passo. O filósofo Rayal escreveu: Aí se observavam as leis, reinava uma civilidade exata, os costumes eram puros, uma fraternidade feliz unia os corações, todas as artes de necessidade estavam aperfeiçoadas. A abundância era aí universal. Teve a graça das crianças, uma pureza repleta de candura. O mundo novo que estamos procurando realizar não pode menosprezar a lição fornecida.

A verdadeira história do cooperativismo começaria nas Missões. Lendo os escritos do presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul, Vergílio Périus, defende as ideias do estudioso Rafael Carbonell de Masy, de que é chegada a hora de resgatar a verdade sobre a origem da primeira cooperativa, surgida em 1627, nas Reduções Jesuítico-Guarani (Oliveira, 2009, p. 202).

O mesmo autor analisa que com o deslocamento das reduções e a conseqüente exploração dos ervais, madeiras preciosas e estâncias, ocorreu o desenvolvimento. A localização final ficou estabelecida com oito reduções onde hoje está o Paraguai, 15 na Argentina, nas Províncias de Misiones e Corrientes e finalmente Sete do lado brasileiro, no noroeste do Rio Grande do Sul, onde hoje chamamos de Região das Missões, o conjunto das estâncias e ervais tomavam todo o estado. Algumas reduções chegaram a mais de 7.000 índios, o número de habitantes nos 30 Povos chegou a quase 150.000.

Pelas eleições escolhiam seus alcaides, fiscais e outros ministros, e por este exercício adquiriram um sentimento de autonomia nacional e de responsabilidade em face do bem comum. Elegiam-se também chefes de setores “escolhidos entre os mais fervorosos cristãos”. O comércio exterior era também responsabilidade da confederação. As mais belas tradições de ajuda mútua e de amizade reinavam entre as diversas reduções e as diversas regiões. Os guaranis não eram desviados do mal pelo medo de punições, mas atraídos pelo bem em razão do ambiente social, pelo exemplo de todos e pela emulação. Lugon (1977).

O mesmo autor diz que, quanto à agricultura os índios tiveram que abandonar a vida nômade para se fixarem às reduções, as condições do território eram de excelentes terras. O clima era saudável. Canais de irrigação levavam a água aos campos. Cada redução tinha no mínimo oito imensas hortas comunais, os pomares estavam povoados de frutas. Foram concebidas e fabricadas as ferramentas necessárias. Muito rapidamente, as reduções constituíram o conjunto agrícola mais completo e melhor organizado da América. Quanto à pecuária só São Miguel abatia 40 rezes por dia para o consumo dos habitantes. O autor analisa Charlevoix que assegura que o mérito do êxito alcançado cabia aos guaranis, como aos missionários da Companhia.

Quanto à introdução da indústria, foi muito mais difícil que a da agricultura. No princípio produziram vestuário, habitação, ferramentas agrícolas e transportes, as forjas e fundições vieram depois e tiveram muito sucesso. Todas as profissões artesanais tinham sido introduzidas e prosperavam. Fabricavam relógios, clarinetes, trompetes e tantos outros como nas melhores fábricas da Europa. A primeira oficina de impressão da Prata foi da

República Guarani. Triunfaram em todas as artes. Montesquieu diz que o Estado Guarani foi o único estado industrial daquele período na América do Sul. Fundiram o ferro a partir das rochas encontradas na região e chegaram à siderurgia do aço (Lugon, 1977).

O mesmo autor, diz que nas artes o Barroco fez-se pleno, mostravam-se sensíveis e acessíveis, possuíam naturalmente ouvido apurado e um singular gosto pela harmonia, aprenderam a tocar todo o tipo de instrumento, compunham músicas. O Padre Ripário diz que se não tivesse à vista os músicos acreditar-se-ia que as melhores orquestras da Europa estavam de passagem pelas Índias. Quanto à pintura e escultura eram de excelente qualidade.

O abastecimento, a armazenagem de produtos e sua distribuição eram assegurados pelos serviços comunais, sem qualquer intermediário comercial privado. A população obtinha os artigos sem dinheiro, nem qualquer espécie de moeda. Muratori, o principal filósofo italiano dos anos 1700 afirmou que “Um dos mais sólidos fundamentos da paz e da união que reinam entre estes índios é a privação completa em que estão de espécies de ouro e prata, assim como em qualquer espécie de moeda”. A profissão de comerciante não existia.

O comércio externo era coordenado por um padre que estava em Buenos Aires, o transporte fazia-se principalmente por via fluvial em barcos à vela ou remo. Uma rede de estradas pavimentadas também fora criada.

Oliveira (2009) comenta que os principais artigos exportados pelas reduções eram o mate, o fumo, o algodão, o açúcar, os tecidos de algodão, os bordados, as rendas, os objetos trabalhados em torno, mesas, armários, e baús de madeiras preciosas, esculturas, peles, curtumes e arreios de couro, rosários e escapulários, mel, frutas várias espécies, cavalos, mulas, e carneiros, assim como o excedente de diversas indústrias, como a de instrumentos musicais. Todos eram vendidos à Europa, Corrientes, Santa Fé, Lima, Buenos Aires, entre outros. Importavam produtos manufaturados e metais. Toda a produção era orientada para a satisfação das necessidades do todo.

Quanto à questão da propriedade Lugon (1977) analisa o Padre Florentin de Bourges que afirmou que todo o solo pertencia à comunidade e era indivisível. Os bens são comuns, a ambição e a avareza são vícios desconhecidos, e não se registra entre eles litígios nem processos de divisão... Nada me pareceu mais belo do que a maneira como se provê à subsistência de todos os habitantes do povoado. Os que fazem a colheita são obrigados a transportar todo o cereal para os armazéns públicos, seguidamente funcionários fazem a distribuição pelos chefes de bairro, e estes pelas famílias, dando a cada uma, mais ou menos, segundo seja ela mais ou menos numerosa.

O mesmo autor escrevendo sobre os pensamentos do Padre Cardiel registrou que os Guaranis não têm de seu, vacas, bois, cavalos, ovelhas ou mulas, e somente as galinhas. Tudo era comum entre eles. O Padre Antonio Sepp, quando da demarcação dos lotes na transferência de parte do povo de São Miguel para a nova terra disse que não houve qualquer conflito, pois não havia demarcação de qualquer limite, todavia encontrando indiferença, visto a satisfação com o regime de comunidade integral.

Quanto ao trabalho, o mesmo autor analisa que em regra os guaranis não trabalhavam mais do que 6 horas diárias. Habitualmente iniciavam suas tarefas às nove horas, depois da missa, e as concluíam durante à tarde. Thomas Morus reconheceu que quando toda a comunidade trabalha este tempo é suficiente para o desenvolvimento da mesma. A comunidade atuava também como elemento de alegria no trabalho. De manhã os grupos

desfilavam nas ruas e dirigiam-se para o campo ao som da flauta e do tambor, transportando com grande pompa a imagem de Santo Isidro, patrono dos agricultores. Pela tarde, no regresso, cantavam em coro suas canções de marcha.

Para a avaliação do trabalho, em geral, bastava acompanhar o ritmo médio. Aquele que não quer trabalhar não deve comer, aquele que não pode trabalhar deve comer. Os velhos, viúvas, órfãos, doentes eram mantidos a expensas da comunidade. Em uma carta dirigida ao governador de Buenos Aires, logo após a expulsão dos Padres, o Cabildo de São Luis diz: “Não somos escravos e queremos fazer ver que não gostamos do costume espanhol que quer “cada um por si”, em vez de se ajudarem mutuamente em seus trabalhos cotidianos”.

Oliveira (2009), diz que os guarani adoravam o teatro e a dança, organizando grandes apresentações. O jogo de bola recebia todas as atenções, afirma que conforme o Padre Cardiel, os guaranis foram efetivamente os inventores do futebol, as bolas eram de borracha, feitas de resina de madeira. Jogavam com os pés e cabeça.

A educação recebia uma atenção muito especial, pois dependia a prosperidade do projeto. Todas as crianças eram obrigadas a ir à escola pelo menos até os 12 anos. A igualdade notava-se pelo vestuário. Homens e mulheres recebiam em princípio, um traje por ano, as crianças dois. O tecido e o corte eram uniformes para todos. O mesmo princípio de igualdade fazia com que não houvesse pobres entres eles.

O mesmo autor (2009) afirma que a fé cristã implantou-se a custa de suor e sangue dos missionários. O caráter fraternal das instituições guaranis e, na base, do seu regime de propriedade, explica principalmente o fervor religioso e cristão sem par que reinou durante mais de um século e meio. O homem não era forçado a ser egoísta. O seu interesse pessoal coincidia normalmente com o bem da comunidade.

Oliveira (2009) diz que em 1750 as Reduções Jesuítico-Guarani pareciam ter atingido o seu mais alto ponto de esplendor. A cédula real de 1743 reconhecia seu lealismo e devoção à Coroa, porém em 13 de janeiro de 1750 ocorre o Tratado de Madri, que trocava os 7 Povos do lado esquerdo do Rio Uruguai pela Colônia de Sacramento, portuguesa, levando à Guerra Guaranítica ocorrida entre os anos 1754 a 1756, onde no dia 7 de fevereiro ocorre a morte de Sepé Tiaraju, agora herói pátrio brasileiro, através de martírio, pois põem fogo em seu corpo e é decapitado (Oliveira, 2020, p. 108) e no dia 10 a Batalha de Caiboaté, onde ocorreu a quebra de palavra dos exércitos de Portugal e Espanha, pois ocorreu o empenho de palavra de que a batalha ocorreria apenas 3 dias depois, mas os guaranis foram traídos, com isto ocorreu a morte de 1500 dos principais caciques e líderes índios, rompendo a segurança das Reduções, resultando na tomada pelos exércitos de Portugal e Espanha.

Após esta nova expulsão as Sete Reduções vão para o lado direito do rio Uruguai, onde hoje é Argentina, porém com o Destrato Del Pardo de 1761, retornam as Reduções com seus padres e índios.

Por fim em 1767, com execução em 1768, o rei da Espanha Carlos III, assinou os decretos de expulsão dos Jesuítas das terras da América e das Colônias espanholas e finalmente em 1773 ocorre à supressão da Companhia de Jesus. No Paraguai, que era inclusive neste território onde vivemos hoje na parte brasileira das Missões, as tropas que substituíram os Jesuítas desonraram-se com atos de violências (Oliveira, 2009).

O mesmo autor afirma que o povo guarani, descendente daquele período, continua vivo nas aldeias ou formando os pobres do Rio Grande do Sul e América latina. Nossa gente mais pobre da ampla região e que forma os excluídos da atual sociedade em sua maior parte.

Das heranças históricas temos a Cruz Missioneira, que é o principal símbolo místico da região missioneira e também um símbolo material da presença cristã na América. Palacios (1991) apresenta em seu livro os estudos do plano de São Miguel de 1756, que hoje está na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, e que foi publicado pelo SPHAN/Pró-Memória, e o plano de São João Batista no ano de 1754, hoje localizado no Arquivo de Simancas, Espanha. Ali em ambos os planos, observa-se, na entrada do povo, na avenida que se dirige à praça e que desemboca em frente à igreja, uma cruz maior, aparentemente de pedra, de dois travessões.

Oliveira (2009) diz que quanto à atual cruz que hoje está em São Miguel, dentro do sítio arqueológico, não há dúvida de que esteve no antigo cemitério urbano de Santo Ângelo, local onde hoje é o Colégio Verzéri, pois há fotografias que provam o fato, e testemunhas que a viram sendo levada para São Miguel. No entanto, não se têm estudos claros da localização anterior, se de São Lourenço, como observou Robert Ave-Lallemant e o Padre Gay, ou se esteve em São João ou em São Miguel como indicam os mapas citados acima. O autor comenta que no livro Cronologia da História Rio-grandense, na página 18, Lima apresenta a imagem de uma cruz de dois braços em São Nicolau, dentro do cemitério, o que mostra ser bastante comum o seu uso durante o período missioneiro. O certo é que a Cruz Missioneira, depois de muitos debates sobre a sua presença nas Missões e a sua origem européia, estando este pesquisador, no ano de 2003, na cidade de Carava de la Cruz, na Província de Múrcia, Espanha, pôde conhecer toda a história dessa cruz, onde obteve, inclusive, documentos sobre a presença de jesuítas de Caravaca nas Missões.

Oliveira, comenta em seu livro que no final do ano 2003, entre os dias 14 e 20 de dezembro, esteve na Espanha, local de onde veio boa parte dos jesuítas para a Região Missioneira, mais especificamente, a Província de Múrcia, cidade de Caravaca de la Cruz. Todos os documentos e pesquisas mostravam que deste local se originava a Cruz Missioneira. Descobriu-se que na lista dos jesuítas que vieram para os 30 Povos, 21 padres vieram de Múrcia, e desses, quatro eram da Cidade de Caravaca de la Cruz: Francisco Robles, Martín López, Antonio Martinez Espinosa e Francisco Lardín. Desses, o mais relevante foi o Padre Francisco José Robles, que veio para os 30 Povos em 1680, trabalhando mais de 40 anos entre os Guarani, chegando a ser vice-superior das reduções.

Conforme o livro, La Cruz de Caravaca (2001, p. 12), escrito por Pedro Ballester Lorca, maior pesquisador sobre o tema da Cruz de Caravaca e a sua presença no mundo, a origem da Cruz, conforme lenda existente em toda a Espanha se deu no ano de 1232, no dia 3 de maio, quando o território estava em mãos dos mouros, comandado por Sayid Almohade de Valência, Abu-Zeit, muçulmano que escravizava os cristãos da região, entre estes estava o sacerdote Ginés Pérez de Chirinos. O rei mouro queria presenciar a realização de uma missa, pois não sabia como ela era feita. Foram buscados os ornamentos em terras cristãs e o padre começou a celebrar o ato litúrgico. Aos poucos, o sacerdote se deu conta que não poderia continuar, visto que faltava o símbolo maior do cristianismo, uma cruz. Naquele momento, pela janela da sala, entram dois anjos transportando uma cruz que depositaram no altar e assim pôde continuar a missa. Ante o milagre, o rei e toda sua corte se batizaram, transformando-se de muçulmanos em cristãos. Desde aquela época, a Cruz passou a receber

milhares de peregrinos. Já no ano de 1570, os jesuítas estavam naquele lugar com colégio e igreja, sendo os principais difusores da Relíquia na Europa, Ásia e América.

Aqui nas Missões, sempre se chamará essa cruz de Cruz Missioneira. Ocorreu em 2004, o irmanamento entre os municípios de Caravaca de la Cruz e São Miguel das Missões, visando à divulgação dos produtos turísticos na América e na Europa. O convênio, também prevê o intercâmbio tecnológico e científico para as comunidades junto às universidades de ambas as regiões. No ano de 2006 os dirigentes de Caravaca de la Cruz estiveram em São Miguel, intercambiando culturas, inclusive as turísticas, existentes nessas duas pátrias e em 2008 prefeitos das Missões, juntamente com jornalistas da RBS TV, estiveram em Caravaca de la Cruz, onde produziram um grande documentário (Oliveira, 2009).

Retornando ao tema da herança histórica e as Missões, hoje se pode ver o que restou deste grande projeto em uma visita ao Patrimônio Cultural da Humanidade de São Miguel das Missões, único do Sul do Brasil, mas também em três patrimônios nacionais: São João Batista, São Lourenço e São Nicolau. Outros locais missioneiros como Santo Ângelo, São Luiz Gonzaga e São Borja são muito importantes, pois estas cidades cresceram encima das antigas reduções. Outros locais imperdíveis são o Caaró e Assunção do Ijuí, representativos da morte dos três Santos Mártires Missioneiros. Há um conjunto de cidades de formação europeia do início dos anos 1900. Depois, passa-se ao lado argentino e paraguaio, completando a visita turística aos 30 Povos, o Circuito Internacional das Missões Jesuítico-Guarani, onde temos sete patrimônios mundiais missioneiros reconhecidos pela UNESCO. Imperdível é andar pelo ‘Caminho das Missões’ em seus roteiros de 30 (BR, AR e PY), 14, 8 ou 3 dias (BR), a pé ou bike.

Com relação a uma última observação, fica para cada leitor pensar sobre sua relação genética familiar com seus avós, bisavós ou tataravós de descendência nativa e que nos faz descendente direto da cultura e história patrimônio mundial missioneira.

BIBLIOGRAFIA:

- BRUXEL, Arnaldo. Os trinta povos Guaranis. 2ª. Ed. Porto Alegre: EST/NOVA DIMENSÃO, 1987.
- LORCA, Pedro Ballester. La Cruz de Caravaca, História, rito y tradición. 7ª Ed. Caravaca de la Cruz, Espanha: MYRTIA, 2001.
- LUGON, Clovis. A República “comunista” cristã dos guaranis 1610 – 1768. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 1977.
- MELIÀ, Bartomeu. El Guaraní Conquistado y Reducido – Ensayos de Etnohistoria. 4ª Ed. Assuncion, Paraguai: CENTRO DE ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS, 1997.
- MONTOYA, Antônio Ruiz de. Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape. 1ª Ed. Brasileira. Porto Alegre: MARTINS LIVREIRO, 1985.
- OLIVEIRA, José Roberto de. Pedido de Perdão ao Triunfo da Humanidade: a importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editora, 2009.
- OLIVEIRA, José Roberto de. Relatório da Guerra Guaranítica (1754-1756) escrito pelos Jesuítas. Porto Alegre Martins Livreiro-Editora, 2020.
- PALACIOS, Silvio e ZOFFOLI, Ena. Gloria y tragedia de las Misiones Guaranies – Historia de las Reduções Jesuíticas Durante los Siglos XVII y XVIII em el Río de la Plata. Bilbao: EDICIONES MENSAJERO, 1991.

José Roberto de Oliveira é pesquisador, professor universitário aposentado, Mestre em desenvolvimento, foi Diretor de desenvolvimento do Turismo do Rio Grande do Sul e um dos formadores do Ministério do Turismo. Contato joseroberto_deoliveira@yahoo.com.br fone +55.55.9.9638.6360.